

Notas e Comentários

Dr. Afonso Botelho

In Memoriam

Embora, afectado de há tempos por doença grave, faleceu súbita e inesperadamente, no passado dia 20 de Setembro, em plena actividade, o Dr. Afonso Botelho.

Foi *Alguém* no domínio do pensamento filosófico e da literatura, que desejamos aqui evocar. Além de membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, foi colaborador prestante em várias iniciativas culturais da mesma Sociedade e deste Centro Regional do Porto.

Nascido em Coimbra, em 1919, fez os estudos liceais no Porto, onde foi aluno de Leonardo Coimbra. Ainda não há muito tempo, no Colóquio sobre Teixeira de Pascoais, recordava a figura do Mestre e dizia que a impressão mais forte que lhe deixara, na sua juventude, não foi a do filósofo mas do orador.

Cursou Direito nas Universidade de Coimbra e de Lisboa e licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Lisboa, com dissertação sobre D. Duarte, a cujo pensamento posteriormente dedicou inúmeros trabalhos. Foi a partir do estudo do rei-filósofo e de Teixeira de Pascoais que investigou preferencialmente o tema da Saudade, tornando-se, no dizer de António Braz Teixeira, «o último grande representante da filosofia luso-galaica de saudade» (Jornal de Letras, 9 de Outubro de 1996, p. 36).

Outros dois grandes temas ocuparam longamente a sua capacidade reflexiva e actividade de pensamento: O Amor e a Morte. Sobre eles elaborou a última obra, vinda a lume e publicamente apresentada há meses, que representa o culminar de uma actividade especulativa persistente e irradiante e contém a formulação mais completa, coerente e sistemática do seu pensamento. Este é de feição ontológica-existencial, aberto ao divino por uma via não puramente racional, mas de vontade, sentimento, e amor, ou mesmo de inspiração transcendente.

Pertencem a esta linha especulativa e hermenêutica as seguintes obras: *O Drama do Universitário* (1955), *Estética e Enigmática dos Painéis* (1957), *Apoloogia do Mestre* (1962), *Situação Social do Escritor* (1967), *Conceito e Métodos de Prevenção* (1970), *Origem e Actualidade do Civismo* (1978), *Filosofia da Saudade*, em colaboração com A. Braz Teixeira (1986), *Ensaios de Estética Portuguesa* (1989), *Da Saudade ao Saudosismo* (1990), *O Poder Real* (1990), *Perspectiva Teórica das Descobertas* (1991), *Três Mestres do Conhecimento* (1993), *Teoria do Amor e da Morte* (1996).

Não é, porém, a sua obra exclusivamente filosófica. A par, foi construindo uma obra literária original, no domínio da ficção e do teatro, que compreende os seguintes volumes:

A Intriga (1961), *Meia Hora de Espera* (1962), *O Toiro Celeste Passou* (1965), *Como o Senhor Jacob enganou o Socialismo* (1978), *O Hábito de Morrer* (1964). Deixou ainda algumas obras inéditas: *Saudade, Regresso à Origem*, no prelo, e *Família Imaginária, A Morte em Férias, As Donas Chamam, Memórias de um Fidalgo Adolescente*; a primeira pertence à linha especulativa, as restantes são colectâneas de contos e dois romances.

Simultaneamente, foi desenvolvendo uma acção cultural significativa. Foi um dos promotores da Revista *Cidade Nova* e do jornal católico *Ala*; dirigiu os órgãos de comunicação social do Sport Lisboa e Benfica; dirigiu o Teatro Nacional; foi impulsionador do *Jornal 57* e das publicações *Espiral, Teoremas de Filosofia e Escola Formal*, um dos fundadores do Centro Nacional de Cultura em 1940 e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

Na qualidade de Presidente deste Instituto organizou o *IV Colóquio Tobias Barreto*, dedicado a Miguel Reale, que teve lugar no Porto e Viana, nos dias 7-12 de Outubro passado. Já não participou nele fisicamente. Mas a sua palavra e pensamento estiveram presentes, através da leitura da saudação inicial e comunicação científica que já tinha preparadas.

Não é este, decerto, o momento nem o lugar para uma reflexão crítica sobre a obra especulativa e literária do filósofo e escritor que evocamos. Mas importa salientar o quadrante em que se situa e o que de singular e inovador contém, no panorama da cultura portuguesa.

O seu pensamento insere-se na «tradição redentorista do pensamento português», na sua própria expressão (*Teoria do Amor e da Morte*, Lisboa, 1996, p. 12). Inspirado, remotamente, no rei-filósofo D. Duarte e, proximamente, nos mentores da Renascença Portuguesa Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoais, juntando-lhe os seus continuadores Álvaro Ribeiro, José Marinho, Agostinho da Silva, Delfim Santos, aos quais reconheceu como mestres (cf. *Três Mestres do Conhecimento*, Lisboa, 1993), Afonso Botelho seguiu o seu próprio caminho, escolhendo temas, elaborando a sua teoria sobre eles, conferindo ao seu pensamento unidade sistemática e coerência interna. Filósofo da Saudade e, finalmente, do Amor e da Morte, aprofunda estas vivências até à origem metafísica e transcendente fazendo delas tópicos fulcrais de uma antropologia e de uma ontologia. Distingue-se por conferir a máxima expressão teórica e o maior alcance filosófico ao irracional — o saber do coração ou o sentimento, que se apresenta como força ou via complementar da racionalidade.

Pertencendo à segunda geração dos discípulos de Leonardo Coimbra, foi uma das personalidades mais destacadas do grupo da Filosofia Portuguesa.

António Braz Teixeira, um dos seus grandes amigos e companheiro do grupo da Filosofia Portuguesa, certamente um dos que melhor conhecem a sua obra e a sua personalidade, escreveu este testemunho:

«Desapareceu do nosso convívio o último grande representante da filosofia luso-galaica da saudade, o mais profundo teorizador que a ideia monárquica conheceu, entre nós, nos últimos decénios, um dos mais subtis e inspirados intérpretes da estética e da tradição especulativa portuguesa da segunda metade do século e um escritor em cuja obra a elegância literária, o elemento reflexivo, o rigor conceitual, a imaginação, a inteligência e a ironia sempre harmónica e complementarmente se conjugaram». (*Jornal de Letras*, 9 de Outubro de 1996, p. 35).

ÂNGELO ALVES